

## FÓRUM ÁFRICA - SEMANA DA ÁFRICA 2002

Conferência:

**“África no 3º Milênio”**

São Paulo, 20 de maio de 2002

Kabengele MUNANGA

Gostaria, primeiramente, agradecer ao Prof.dr. Saddo Ag .Mouloud, Presidente do Fórum África, e, em nome dele, Cumprimentar e parabenizar todos os membros do comitê Executivo do Fórum, por terem realizado mais uma semana de reflexão e conscientização sobre os problemas do continente africano.

O tema proposto à nossa reflexão, embora parece uma porta Aberta, é bastante complexo e desafiador para qualquer pensador, africano e estrangeiro. É difícil definir por onde começar, porque a África é um imenso continente composto de 57 países, além de sua grande diversidade em termos etno-lingüístico, cultural, econômico, político e histórico. É também difícil definir o que dizer, porque os problemas africanos são inúmeros e interligados, além de serem todos. importante para cercar globalmente o continente.

No entanto, apesar dessa complexidade e diversidade, a África viveu e vive experiências históricas comuns e apresenta semelhanças culturais que nos permitem captá-la como unidade e totalidade complexa, sem afogar na generalidade as peculiaridades e experiências dos povos e nações nela contidos.

Para entender o lugar da África no novo milênio e no processo de globalização, é preciso fazer um recuo histórico, tentar situar a experiência atual numa perspectiva histórica global, suscetível de explicar as especificidades de nossa época.

A África de hoje é nada mais que o resultado histórico de cerca de cinco séculos consecutivos que ela atravessou carregando sempre na entrada do novo século, os saldos positivos e negativos dos séculos anteriores. Visto deste ângulo, suas perspectivas no contexto do novo milênio e da globalização, realizar-se-ão com base nesses saldos positivos e negativos provindos dos séculos passados.

Com efeito, a escravidão e a colonização marcaram a história da humanidade dos tempos mais remotos ao mundo contemporâneo. Elas não tiveram outras razões de existir, a não ser a dominação, a expansão e a exploração econômica dos outros, sustentadas por um desejo de supremacia política e econômica. Embora o mundo africano não fosse o primeiro a ser submetido a esses humilhantes processos, ele não deixa de ser o único nos últimos cinco séculos a sofrer consecutivamente a escravidão, a colonização, o neocolonialismo, e o

imperialismo.

Hoje a África é considerada como o domínio do caos, desorganização, guerrilha, fome, miséria, genocídio étnico, de golpes, de AIDS e de todas as doenças epidêmicas e endêmicas possíveis e imagináveis. Na sua diáspora americana e européia, ela é ainda a grande vítima dos preconceitos e da discriminação racial.

Para o mundo ocidental de modo geral (intelectual, político, jornalistas, etnólogos, (homens de negócios) a África é vista através de uma série de caricaturas que fazem esquecer o essencial: a África feita de africanos. Pois bem! a África, esse bolo cortado a partir do exterior por poderes alheios é também feita de gente. São povos cortados por fronteiras arbitrárias de acordo com os interesses das grandes potências coloniais presentes na Conferência de Berlim (25 de novembro de 1884 a 16 de fevereiro de 1885).

São sociedades negadas e demolidas por um desejo imposto que diz-se com razão, não deu certo. São pastores e guerreiros nômades, a quem a colonização tentou impor a prática da agricultura; São milhões de agricultores que vivem do solo e cuja maior preocupação é a sobrevivência, a busca de água e de lenha para a cozinha. São também jovens, desenraizados por uma educação a ocidental, e que tentam fugir das trivialidades do cotidiano tradicional. São finalmente as elites de quem se fala tão mal, desorientados pelos sonhos nascidos na Europa e que querem desesperadamente retomar o lugar do antigo colonizador para esquecer os séculos de humilhações e recuperar sua identidade.

Examinando friamente a situação do Continente Africano no tempo e no espaço, a sensação que temos é a de fraqueza e de fracasso pelo fato de ter sido dominado, e seu povo transportado e escravizado longe de sua terra; por ter sido colonizado dentro do seu próprio território; pelo fato de seu povo da diáspora, grande vítima do racismo, ocupar coletivamente posições inferiores na escala social, no comando político e econômico dos diversos países onde se encontram. À sensação de fracasso denota-se também pelo fato de sua elite, na maioria dos próprios países tornados independentes, não ter conseguido gerir a coisa pública, de acordo com os interesses de seus povos, como se esperava, e por ter servido como testa de ferro ao imperialismo.

Mas essa sensação de fragilidade e de fraqueza, às vezes realista pois sustentada pelos fatos empíricos, as vezes imaginária, poderia ser enganadora e superficial se deixarmos de olhar criticamente a verdadeira história enquanto acontecimento e não os fatos relatados distorcidamente pelos interesses ideológicos alheios. Poder-se-ia questionar a eficácia das armas e estratégias de luta de resistência do mundo africano em relação às armas e estratégias do invasor, mas em nenhum momento de sua história, a África deixou de resistir. É bom que se diga de uma vez por todas, que a resistência dos povos em defender seus territórios, suas culturas e sua visão do mundo, não se mede pelo sucesso

qualitativo ou quantitativo obtido. Ela se mede, apesar dos momentos de derrotas e glórias, pelo simples fato de defender a dignidade e a liberdade humana quando estas são ameaçadas

Uma longa viagem no tempo e no espaço que não podemos fazer por falta de tempo e também por causa de algumas limitações ofereceria bastante elementos de reflexão para que possamos entender as perdas que a África carrega de milênio em milênio e que contribuíram negativamente em seu processo de desenvolvimento. Para ganhar tempo, adotei a linguagem dos fatos e dos números.

Os quase três séculos de tráfico negreiro tiveram entre outras conseqüências além da violência social, uma perda populacional (cerca de 40 a 100 milhões) com pesados resultados em seu desenvolvimento, além de deturpar suas estruturas políticas tradicionais. Imediatamente após o tráfico e a escravidão veio o colonialismo para piorar o quadro, acrescentando à pilhagem dos homens a das terras e das riquezas naturais. Os africanos travaram uma longa luta para romper com os vínculos colonialistas. Assim vieram as independências que a justo título significam o fim das barreiras sociais e raciais, a desmistificação da inferioridade natural dos africanos e o desmantelamento do velho espectro da superioridade natural do branco. As independências representavam um momento de ruptura entre um passado de humilhação, de desumanização, de exploração e um futuro diferente a ser construído.

Mas no caminho da construção desse novo futuro que se inicia na década de 60 para a maioria dos países antigas colônias francesas, inglesas, e belgas os africanos continuaram a carregar os legados da colonização em suas estruturas políticas e econômicas. Sua economia é, desde a colonização, orientada e controlada do exterior. Sua infra-estrutura é ainda colonial apesar dos esforços de alguns dirigentes nacionalistas. A velha ordem econômica internacional se mantém apesar dos discursos e das declarações feitas nos foros mundiais para transformá-las numa "nova ordem", que repartiria eqüitativamente as riquezas do mundo. A pilhagem da África que começou com o tráfico negreiro, a escravidão e a colonização, se prolonga hoje através da chamada "troca desigual".

E, para piorar o quadro, as elites africanas "ocidentalizadas" no poder se dão ao luxo de consumir mais que as elites dos países ocidentais. O resultado disso tudo é o crescimento da má nutrição e da fome até nos próprios campos abandonados pelos jovens, sem falar da fome provocada pela seca e pela guerrilha.

A questão da democracia e da construção de um Estado- Nação no modelo ocidental é uma das mais cruciais da África hoje. Pensava-se, no início dos anos 60, que a transferência do poder era apenas um problema de Constituições. Estas foram elaboradas nos modelos ocidentais e dadas de presente aos africanos na véspera das independências de

cada país. A maioria dos nacionalistas africanos acreditava na construção de um Estado-Nação e de uma ideologia nacional. Apesar de sua vontade e de suas ilusões, a resposta obtida até hoje tem sido em toda parte autoritária e militar. Os golpes foram os acontecimentos mais frequentes no continente. No início dos anos 80, o regime militar tornou-se uma regra em toda a África em vez de ser uma exceção. O exército confirmou-se como a única força moral capaz de lutar contra os defeitos dos governos civis (corrupção, inflação, desemprego etc.) Os fatos mostram que os militares, além de incompetentes, não foram menos corruptos que os dirigentes civis. No entanto, as potências estrangeiras (européia, americana e chinesa, etc.) tiveram a tendência em apoiá-los como os únicos responsáveis pela “ordem social”, ou melhor, por seus interesses no Continente.

De 1950 a 1980, a população africana triplicou, e de 1980 para cá seu crescimento passou majoritariamente a ser urbano.

Hoje mais de um africano a cada três moram na cidade; o que é uma porcentagem superior da Ásia em sua totalidade. Essa evolução demográfica não deixa de criar problemas. Com efeito, a maioria das cidades africanas têm de enfrentar grandes dificuldades. São paralisadas pela inexistência de transporte coletivo e pela intensidade da circulação dos carros que muito cresceram em desequilíbrio com a infra-estrutura existente mal conservada, pela poluição das águas, pela falta crônica de alimentos, pela penúria sempre crescente da infraestrutura sanitária e escolar, pela falta de empregos e pela violência.

Um dos problemas que afligem também a África nos últimos quarenta anos do seu processo de independência é a famosa questão dos conflitos étnicos. As identidades étnicas, embora realidades sócio-antropológicas incontestáveis na escala mundial, são sem dúvida sujeitas às manipulações ideológicas e neste sentido perigosas para as nações em construção onde a consciência nacional deve ainda ser forjada. Coloca-se então aos dirigentes africanos a questão de saber como criar uma identidade nacional sem prejudicar o desenvolvimento das identidades étnicas e regionais que são fontes de riquezas culturais, mas ao mesmo tempo ameaçadoras da unidade nacional, pois manipuladas política e ideologicamente na luta pelo poder? A idéia de que a etnicidade não oferece uma base sólida para construir uma nação, levou a pensar que o “Partido Único” seria uma solução viável para impor as realidades políticas modernas baseadas na “Nação” em oposição ao “eticismo” desestabilizador. Mas a experiência desses 45 anos de independência mostra que o **Partido Único** por onde existiu favoreceu mais o etnicismo do que a unidade nacional.

As manifestações em favor da democracia que invadem a África desde 1990 são provas de que o argumento unificador do **partido único** não podia mais ser sustentado.

As elites africanas da geração das independências tinham tendência em explicar

todas as dificuldades de seus países a partir dos fatores externos (colonialismo, imperialismo). Um tal argumento tinha alguma força na época Colonial, mas hoje os africanos não podem continuar a eximir-se totalmente. Essa elite salvo raras exceções é corrupta e alienada; seu nacionalismo é de fachada, pois serve mais aos interesses estrangeiros e aos dela própria do que aos de seus países. Existe uma exploração interna e uma pilhagem sistemática do Continente por seus próprios filhos em estreita colaboração com a exploração externa.

A situação já complexa e complicada do Continente Negro conheceu, nos últimos quarenta anos, um outro agravamento: a AIDS. Sem dúvida, esta doença constitui uma grande preocupação para a humanidade, mas a Europa é mais alertada do que a África que é mais atingida. Nesse Continente pobre, morre-se tanto de fome que as mortes pela AIDS são simplesmente morte entre tantas outras mortes. A questão que se coloca é saber como serão as coisas neste milênio com as futuras gerações. Só em 1998, setenta por cento (70%) das pessoas contaminadas pelo HIV vivem na África. Cerca de oitenta e três (83%) das mortes ocorreram nesse ano se encontram na África Sub-Saariana. Pelo menos noventa e cinco por cento (95%) dos órfãos de AIDS são africanos. Desde que o vírus começou a se propagar, trinta e quatro milhões de africanos vivendo no Sul do Saara teriam sido contaminados e onze e meio milhões entre eles já morreram, sendo vinte e cinco por cento (25%) deles crianças. Apenas em 1998, a AIDS já matou dois milhões de africanos. Nenhum país da África escapou à AIDS, embora alguns sejam mais castigados do que outros. No Botswana, por exemplo, onde mais de vinte e cinco por cento (25%) dos adultos são contaminados, as crianças que nascerão no início desta década terão uma esperança de vida apenas superior a quarenta anos, em vez de setenta que elas teriam se não fossem contaminadas. Isso tem como segunda consequência a diminuição das chances de sobrevivência das crianças e o aumento de taxas de mortalidade infanto-juvenil em numerosas regiões da África Sub-Saariana, suprimindo as vitórias conquistadas no decorrer dos anos em matéria de sobrevivência das crianças.

- 340 milhões de pessoas, ou seja, a metade da população africana vivem com menos de 1,00U\$ por dia; A taxa de mortalidade entre crianças de menos de cinco anos de idade atinge aos 140 por 1000; A esperança de vida ao nascimento é de apenas 54 anos; Apenas 58% da população tem acesso à água potável; A taxa de analfabetismo entre pessoas de idade superior a 15 anos atinge os 41%; Existem apenas 18 linhas telefônicas principais por 1000 pessoas, comparando com 146 para o resto do mundo em geral e 567 nos países de alto rendimento.

Apesar de uma grande resistência nos últimos cinco séculos consecutivos às formas mais cruéis de exploração, de desumanização e de pilhagem jamais conhecidas na história

da humanidade, a África entra no XXIº milênio carregando em seus ombros os resídeos dos milênios anteriores: Atraso em seu processo de desenvolvimento, estruturas políticas herdadas do colonialismo e que nada têm a ver com suas realidades sociais e culturais, provocando instabilidade política e bloqueando o processo de democratização da vida política; insuficiência da estrutura escolar e sanitária, etc. Hoje, a miséria e a pobreza generalizada, a má nutrição, a fome, as guerras fratricidas atingiram níveis jamais conhecidos nem antes nem durante a Colonização, a ponto de levar alguns nostálgicos a reavaliar positivamente a colonização em relação à independência. Os temas e teorias racistas engavetados nos anos sessenta voltaram a circular. Jamais os povos vivendo nos trópicos criaram uma civilização, diz-se, retomando os postulados racistas.

Diante desse quadro geral, voltamos ao ponto de partida recolocando então o tema da Conferência: "Quais Seriam as Perspectivas do Continente Africano no Contexto da Globalização e do Novo Milênio?". Apesar de todas as dificuldades apontadas, a África, deve ter acumulado certas experiências que constituem um saldo positivo dos últimos cinco séculos e que poderão acompanhá-la no novo milênio.

Em função dessas experiências, penso que a jovem geração têm uma melhor consciência, uma melhor compreensão das fraquezas e explicações do estado das coisas. Portanto ela poderá tirar melhor lição da história e das teorias sociais e estará em melhores condições para enfrentar os novos inimigos e novas dificuldades neste milênio.

Dentro do saldo positivo que a acompanhará no século XXI, devemos mencionar que durante cerca de quarenta anos do processo das independências, a África realizou uma certa renovação cultural e social. Com efeito, começa-se a descobrir uma cultura urbana em pleno desenvolvimento, uma cultura mestiça que assimila e recebe em troca técnicas ocidentais e inspiração de músicas das antilhas ou norte-americanas, outrora originárias da África; culturas literárias também pela transformação viva das línguas de colonização, que têm dado e continuam a dar origem não somente a um falar abundante e vigoroso, mas também a uma literatura escrita e de qualidade, tanto em Francês como Inglês ou em Português e futuramente em Swahili e outras línguas africanas. O Cinema africano, apesar de sua situação financeira miserável e seu esquecimento por parte dos grandes circuitos de distribuição, tem produzido um número não negligenciável de obras-primas. Os artistas contemporâneos, pintores, escultores no mesmo momento enraizados na sua história e ávidos de participar do movimento artístico mundial, se revelam todos os dias, sem esquecer atletas de diversas disciplinas. Nos últimos quarenta anos, duas forças sociais cheias de promessas surgiram: os jovens e as mulheres. Uns e outros não eram visíveis nas sociedades africanas antigas. Os jovens porque a senhoria ligada à sabedoria era o único valor conhecido; as mulheres porque, embora maior força de produção, ficaram dependente

dos homens. Hoje, a juventude é esmagadora nas cidades onde ela constitui três quartos da população urbana- o que representa o risco de gerar uma cultura de violência diante da miséria cada vez mais crescente. Mas, como essa juventude tem cada vez menos escolha comparativamente às gerações anteriores, ela deverá atacar de frente os problemas que fazem dela a maior vítima da sociedade. O papel da mulher conhece também um grande desenvolvimento porque são elas que investem maciçamente no setor informal da economia. Embora sua posição seja ainda delicada numa sociedade dominada por homens, trata-se de uma mudança social promissora para este milênio. Percebe-se também que a nova geração de dirigentes africanos neste século não se posicionam mais como eternas vítimas da História e pensam que a África não deve mais perder tempo em reclamar a ajuda do mundo exterior e a reparação aos crimes do colonialismo e da escravidão. Eles recusam a velha dependência colonial e contam com suas próprias forças. As lições de Nelson Mandela ao fazer uma transição difícil sem ódio racial e sem revanchismo, surpreenderam o mundo e poderão servir de lição aos futuros dirigentes africanos nesse novo milênio, no que diz respeito notadamente a representatividade étnica não resolvida pela democracia parlamentar ocidental.

Finalmente, não posso concluir sem tocar na segunda faceta do objeto da Conferência; ou seja, as perspectivas do Continente Africano no Contexto da Globalização. Pois bem ! o que é a globalização ? Sem poder defini-la, tenho a sensação de que a África como outros países em desenvolvimento, o chamado Terceiro Mundo, é arrastada pela inércia dessa endeusada globalização. Aliás, lembrar-se-ia que depois da balcanização do Continente, fomos integrados na Organização Internacional do Trabalho como produtores das matérias primas necessárias para o desenvolvimento da indústria ocidental e como consumidores dos produtos manufaturados da indústria ocidental, daí a expropriação da mais valia resultada do chamado **troca desigual**. Embora o conceito de globalização não existisse na época, penso que foi uma forma de globalização na qual fomos obrigados a entrar sem emitir nosso consentimento. Deveríamos resistir, porque resistir e como resistir se o mercado capitalista e sua economia mundializada, as técnicas, as telecomunicações e toda a parafernália da informática arrastam no seu caminho as tendências diferencialistas, empurrando-as no vale comum da homogeneização? Sem dúvida a globalização não pode ser pintada somente negativamente, apesar de seus efeitos perversos que são reais e verdadeiros.

Embora a informação não traga automaticamente a comunicação e a igualdade de diálogo entre os povos, ela já constitui por si só uma aproximação que poderá desembocar, se for bem explorada, num verdadeiro diálogo. Enquanto esse diálogo e essa verdadeira comunicação não acontecem, a configuração do mundo em centros e periferias ainda se

mantém, pois as mensagens conservam ainda seus centros de emissão, embora frouxas. As mensagens embora tenham seus centros receptores até nas periferias globalizadas são decodificadas no sentido ainda definido pelos centros emissores dominantes. Por outro lado o problema atual da humanidade, penso eu, não é mais a produtividade dos bens de consumo, mas sim o da paz social prejudicada pela má distribuição das riquezas da humanidade. Não é por acaso que a cultura da violência vêm crescendo em várias cidades do mundo, apesar dos progressos da ciência e da tecnologia. Diante de todas essas contradições, coloca-se crucialmente a questão de saber por onde rediscutir o futuro da humanidade: a partir da globalização resultante da tecnologia e da economia de mercado com todos seus efeitos positivos e negativos, ou, a partir da reinvenção social. Como reinventar o social sem colocar no primeiro plano o próprio ser humano, a liberdade e a dignidade como seus atributos fundamentais? Como fazê-lo sem respeitar as diferenças e particularidades individuais e coletivas que constroem o princípio da alteridade sem a qual não existem povos, nações e comunidades humanas?

Se a África e os países africanos definirem que tipos de sociedades querem construir, eles poderão sem muitas dificuldades adequar sua inclusão no processo de globalização aos modelos de sociedades projetadas. Essa premissa é prioritária a qualquer tipo de discussão sobre aceitar ou resistir à globalização, embora saibamos que por enquanto estamos nela apenas como objeto periférico e não como sujeito central que define os princípios e dita as regras do jogo.